

Patafísica do poder

O enigma dos personagens tóxicos na política

[Muniz Sodré](#)

Sociólogo, professor emérito da UFRJ, autor, entre outras obras, de “Pensar Nagô” e “Fascismo da Cor”

Folha de S. Paulo, 23.dez.2023

• • Para quem estancou a queda da nação no abismo, são fracos neste fim de ano os índices de popularidade de Lula. Fracas também as explicações. A campanha governamental "O Brasil é um só povo", recém-lançada, não desautoriza uma hipótese de natureza patafísica: existiriam dois Brasis. No primeiro, real, Lula é legítimo presidente da República, com dezenas de milhões de seguspidores. No segundo, irreal, o outro perdeu a eleição, mas ainda não lhe caiu a ficha nem a de seus aderentes, o que pavimenta o caminho patafísico dos absurdos.

Patafísica é a "ciência" das soluções imaginárias, uma invenção de literatos franceses para jogar criativamente com distorções da realidade. Nesse país distorcido por hipótese, sombra projetada sobre o real, o portador da caveira de burro nada em seco, o pão lhe caindo com leite condensado para baixo. Ainda assim, trafega nos índices e nas barricadas da direita. Aos contratempos: na posse de Milei, [tentou bancar o papagaio de pirata numa foto de presidentes](#), foi por eles repellido. Um vexame, que não pareceu constrangê-lo.

Mas a hipótese deixa intocado o enigma dos personagens tóxicos na política: Bozo teratológico, Milei que diz ter "filhos de quatro patas", Maduro em colóquio com passarinhos, Trump que prega abertamente a ditadura etc. Nenhuma doutrina salvífica explica as bizarrices, apenas o traço comum de uma tirania prometida e, religiosamente, aguardada.

É que existe um laço íntimo, místico entre tiranos e escravos: "O grande segredo do regime monárquico consiste em enganar os homens, travestindo com o nome de religião o temor com que os mantém acorrentados; de maneira que lutam por sua servidão como se tratassem de sua salvação" (Espinosa, "Tratado Teológico-Político").

Para o filósofo, isso se deve à paixão triste, "um complexo que reúne o infinito dos desejos, a perturbação da alma, a cupidez e a superstição". O tirano, para triunfar, precisa da alma triste e vice-versa, pois o que os une é "o ódio à vida, o ressentimento contra a vida".

A palavra tirania, obsoleta, retorna na afirmação da vice-presidente argentina de que é preciso um arrocho tirânico para repor nos eixos o seu país. É um toque sombrio e mais opressivo do que autocracia, com a qual os analistas políticos vestem as inclinações da ultradireita.

Mas tirano e autocrata rezam pela mesma cartilha da violência antidemocrática, atrativa para o sujeito do ressentimento, adulto ou jovem, que faz da estreiteza vingativa seu único afeto. Uma besta triste, de tocaia no pior. Não com volátil estado de ânimo, mas com tristeza como paixão profunda, afecção contagiosa da alma que faz cadeia com medo, inveja, ódio e crueldade. É uma negação da alegria vital, da qual não dá conta nenhum psicologismo, nenhuma política. A patafísica, quem sabe.